

O combustível que surge no sertão

Teotônio Vilela Filho - Senador pelo PSDB de Alagoas

O Senado aprovou na última quarta uma Medida Provisória que permite misturar ao diesel o óleo vegetal, qualquer um, inclusive os que brotam nos sertões, como a mamona. É a consagração da mistura do óleo vegetal ao diesel derivado de petróleo, um programa tão importante que deveria ser criado por lei, não por Medida Provisória. O Brasil tem o direito de debater intensamente assunto de tal relevância.

O chamado biodiesel será preferencialmente produzido em pequenas propriedades, inclusive do semi-árido, e tenho a esperança de que não sofra as restrições que estão ameaçando o Programa do Leite, por exemplo.

No caso do leite, o Ministério do Desenvolvimento Social está limitando a R\$ 5 mil reais por ano a participação de cada pequeno produtor, o que significa algo como sete litros/dia por produtor. Só o Ministério do Desenvolvimento Social do Governo Lula não sabe que uma vaca minimamente razoável já produz mais de dez litros/dia. No governo Lula, o agricultor familiar está condenado a possuir apenas meia vaca.

O governo acerta quando privilegia o agricultor familiar. Mas erra quando o condena a ser miserável a vida inteira.

O biodiesel significa uma alternativa econômica nova para o Nordeste e um avanço para o Brasil. O governo adicionará, de imediato, um mínimo de 2% de óleo vegetal ao diesel mineral, o que corre-

sponderia a 800 milhões de litros, no cenário atual de consumo de 40 bilhões de litros de diesel. Dentro de três anos, a mistura aumentaria para o percentual mínimo de 5%, o que corresponderia a um consumo de 2 bilhões de litros. Noutras palavras, a mistura de biodiesel em 5% corresponderia à metade do que o Brasil hoje importa para a produção do diesel mineral que consome.

O biodiesel, dessa forma, deverá ter importância próxima à do Proálcool, que, nos anos 70, foi um estrondoso sucesso de público e de crítica: dominamos toda a tecnologia do álcool, da produção de usinas e destilarias à de motores movidos a álcool, expandimos a produção, o mundo todo se voltou para a experiência brasileira de produção de energia renovável, a partir da biomassa. Mas depois o Proálcool foi abandonado e caiu no descrédito do consumidor. Felizmente o álcool voltou à moda com o carro de dois ou três combustíveis, que trouxe novas perspectivas para o programa brasileiro de combustível renovável.

A criação do programa do biodiesel também se faz num momento de disparada dos preços do petróleo. Envolve esperanças, como o Proálcool, mas também riscos ainda maiores de frustrações. O álcool já possuía uma cadeia produtiva consolidada, enquanto, com o biodiesel, se pretende montar uma cadeia própria, com características muito especiais e particularmente delicadas, baseada na pequena propriedade, sobretudo a do semi-árido. E essa é uma região que a

burocracia petista de Brasília desconhece quase por completo.

O governo criou, por exemplo, um sistema de isenção fiscal de Pis e Cofins para a produção do biodiesel na pequena propriedade familiar. Quem imagina que essa agricultura de família pague hoje Pis e Cofins é só quem desconhece o Brasil e o Nordeste rural. Mesmo a usina beneficiadora terá como incentivo a isenção de exatos 3,27% sobre o valor do óleo processado, um percentual pequeno para o risco do pioneirismo.

É preocupante que o programa nasça sem qualquer referência a um sistema de preços mínimos, por exemplo. O que equivale a deixar o pequeno produtor familiar à mercê absoluta dos atravessadores e das grandes usinas de beneficiamento. Corremos o risco de resolver o problema energético e de melhoria da matriz energética brasileira ao custo do empobrecimento ainda maior do pequeno agricultor nordestino.

Apesar de tudo, o biodiesel é um avanço indiscutível. Sobretudo se evitarmos, com o diesel vegetal, os erros clamorosos que cometemos em relação ao Proálcool. O Brasil inventou um programa de energia renovável para inveja de muitos. Os governos quase inviabilizaram e extinguiram esse mesmo programa, para espanto de todos.

Nossa esperança é a de que tenhamos aprendido, com nossos próprios erros, que a energia renovável e limpa da biomassa é a melhor saída para o Brasil e para o mundo.